

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 2

Ano 1999



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel

Caixa Postal 1601

12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

Uma Lição de Spurgeon Acerca do Evangelismo ..	1
<i>Thomas Ascol</i>	
Como Encontrar os Eleitos	7
<i>Kenneth D. Johns</i>	
Fidelidade na Evangelização.....	9
<i>Gilson Carlos de S. Santos</i>	
Guia de Baxter para Avaliar um Livro.....	18
<i>Richard Baxter</i>	
Uma Palavra aos Não-convertidos	19
<i>Charles H. Spurgeon</i>	
Quanto ao Vir a Cristo.....	21
<i>Ernest Reisinger</i>	
Seis Regras para Jovens Cristãos	32
<i>Brownlow North</i>	

Uma Lição de Spurgeon Acerca do Evangelismo

Thomas Ascol

Charles Spurgeon tem sido adequadamente descrito como um daqueles pregadores que aparece “uma vez a cada 100 anos”, em quem todos os poderosos dons que são úteis ao ministério estão depositados.¹ Sua vida e obra permanecem hoje, mais de 100 anos após sua morte, encorajando e desafiando ministros do evangelho que estão diante do terceiro milênio.

Qualquer estudo do ministério de Spurgeon revela imediatamente um homem obsediado pelo evangelismo. Desde o momento de sua conversão até o dia de sua morte, Spurgeon manteve uma intensa preocupação pelas almas. Era fanático quanto ao assunto — em todas as formas corretas. Como pastor, levou muito a sério o conselho apostólico para fazer “o trabalho de um evangelista”. E diligentemente procurou despertar uma preocupação evangelística nos membros de sua igreja e em seus colegas pregadores.

Este fato confunde alguns estudiosos da vida de Spurgeon, pois, junto com esse fervor evangelístico (e, poderíamos dizer, a despeito das afirmações contem-

porâneas em contrário), ele jamais se afastou do profundo compromisso com as doutrinas da Graça. Entendeu com clareza, creu pessoalmente e proclamou com poder o que, em linguagem popular, é chamado de “calvinismo”. Ele o fez não por qualquer tipo de devoção a um homem ou a um sistema filosófico, mas por estar convencido de que todas as verdades que historicamente sempre estiveram debaixo dessa bandeira não eram outra coisa senão o cristianismo bíblico.² Foi esta compreensão que o capacitou a pregar a Cristo de forma tão simples e persuasiva.

Alguns que discordam da teologia de Spurgeon, mas apreciam seu evangelismo, têm dificuldade em conciliar as crenças e a prática dele. Tais pessoas normalmente evocam mais ou menos o seguinte: “Sim, Spurgeon era um calvinista; todavia, apesar disso, era evangelístico”. Tal análise, entretanto, não é correta. Seria melhor dizer: “É claro que Spurgeon era um calvinista e, portanto, era evangelístico”. Sua devoção brotou de sua doutrina, e sua crença orientou a sua prática.

É neste ponto, talvez mais do que em qualquer outro, que o “Príncipe dos Pregadores” tem muito a ensinar aos pastores de hoje. Nos últimos 25 anos, muitos desses têm se voltado à teologia de Spurgeon. Essa renovação teológica está crescendo. Mas o que não temos visto é um crescimento proporcional ao tipo de evangelismo praticado por Spurgeon. Isso deveria alarmar a todos que desejam ver uma renovação genuína e bíblica varrendo nossas igrejas.

**Ele o fez não por
qualquer tipo de
devoção a um
homem ou a um
sistema filosófico,
mas por estar
convencido de que
todas as verdades
que historicamente
sempre estiveram
debaixo dessa
bandeira não eram
outra coisa senão o
cristianismo bíblico.**

Há uma geração de pastores que cresceram com o evangelismo modelado de acordo com a arte de vendas. Alguns dos manuais de evangelismo modernos diferem muito pouco do livro *The*

Art of the Deal (A Arte do Negócio), escrito por Donald Trump (um milionário de nossos dias). Esse tipo de evangelismo tem causado grande estrago às igrejas, enchendo-as de pessoas não-convertidas e, em última análise, confundindo os crentes acerca da verdadeira natureza do cristianismo. Tal evangelismo é mortal e precisa ser rejeitado. Mas, como Jesus alertou, quando um espírito imundo sai de um homem, se tal espírito não for substituído, logo voltará e trará consigo “outros sete espíritos piores que ele,... e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro” (Mt 12.45). O evangelismo falso precisa ser substituído pelo verdadeiro. Spurgeon pode nos mostrar o caminho, especialmente em termos de atitudes interiores e desejos.

Spurgeon era um calvinista com “C” maiúsculo e um batista com “B” maiúsculo, mas seu CRISTIANISMO era escrito totalmente em letras maiúsculas. Em uma palestra aos alunos de uma faculdade de pastores, ele reconheceu a conveniência de se tentar transformar um pedobatista em um batista e ajudar os armínianos a enxergarem que a salvação é totalmente pela graça. “Mas”, ele disse, “nosso grande objetivo não é a reversão de opiniões, e sim a regeneração das naturezas. Devemos trazer homens a Cristo e não aos nossos pontos de vista particulares a respeito do cristianismo... Fazer prosélitos é algo

que cabe aos fariseus; regenerar homens para Deus é uma meta honrada dos ministros de Cristo”.³

**Todos somos
 embaixadores de
 Cristo e, nesta
 qualidade, devemos
 suplicar aos homens,
 como se Deus lhes
 falasse por nosso
 intermédio.**

É praticamente impossível encontrar um sermão impresso de Spurgeon que não contenha algum tipo de apelo ao não-convertido. Eles estão cheios de alegações, argumentos, alertas e instruções aos pecadores, chamando-os e convidando-os a virem a Cristo. A própria atitude de Spurgeon é refletida no retrato de João Bunyan de um verdadeiro ministro do evangelho, em *O Peregrino*. Em seu primeiro sermão, na igreja de New Park Street, ele utilizou essa cena para descrever como o ministro do evangelho deve considerar as almas de homens e mulheres:

João Bunyan fornece-nos um retrato de um homem a quem Deus tencionou tornar um guia para os céus; vocês já observaram como esse quadro é bonito? Esse homem tem uma coroa da vida sobre sua cabeça, a terra encontra-se debaixo de seus pés, está de pé como se

implorasse aos homens e com o melhor dos Livros em suas mãos. Oh! Como eu gostaria, por um só momento, ser esse tipo de pregador; que pudesse arrazoar com os homens, assim como João Bunyan descreve. Todos somos embaixadores de Cristo e, nesta qualidade, devemos suplicar aos homens, como se Deus lhes falasse por nosso intermédio. Como eu gosto de ver um pregador que chega às lágrimas! Como gosto de ver um homem que é capaz de chorar por causa dos pecadores, um homem cuja alma anela pelos ímpios, como se ele pudesse, de alguma forma, trazê-los ao Senhor Jesus Cristo! Não consigo compreender um homem que sobe ao púlpito e apresenta um discurso frio e indiferente, como se não tivesse interesse pela alma de seus ouvintes. Creio que o verdadeiro ministro do evangelho é aquele que tem um real anseio pelas almas, demonstrado em uma atitude semelhante à de Raquel, quando clamou: “Dá-me filhos, senão morrerá”. Esse ministro também clamará a Deus, para que veja os eleitos do Senhor nascerem e serem trazidos para Deus. E, conforme penso, todo o verdadeiro crente deve ser extremamente zeloso na oração em favor das almas dos ímpios; e quando fazem isto, Deus os abençoa abundantemente e a igreja prospera! Porém, ama-

dos, mesmo vendo almas condenadas, quão poucos se importam com elas! Os pecadores podem afundar no lamaçal da perdição; entretanto, poucas lágrimas são derramadas por eles! O mundo inteiro pode ser levado por uma torrente ao precipício de condenação, e, apesar disso, quão poucos realmente clamam a Deus em favor dessas pessoas! Quão poucos homens dizem: “Oh! Que a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em fonte de lágrimas! Então, choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo!” Não lamentamos diante de Deus pela perda da alma dos homens, como seria próprio aos cristãos fazerem.⁴

Spurgeon argumentou que não apenas certos tipos de pregadores podem ser ganhadores de almas. Na verdade, todo o pregador deveria labutar seriamente para ver seus ouvintes salvos.

“A menos que conversões sejam constantemente vistas, em todas as nossas congregações um clamor amargo deveria ser levantado a Deus. Se nossa pregação jamais salva uma alma (e isto não é comum acontecer) não deveríamos glorificar a Deus melhor como lavradores ou comerciantes? Que honra pode o Senhor receber de pregadores inúteis? O Espírito Santo não está conosco, nem estamos sendo usados por Deus, para os seus gloriosos

propósitos, a menos que almas estejam sendo despertadas para vida eterna. Irmãos, será que podemos suportar o sermos inúteis? Podemos ser estereis e, ainda assim, estar contentes?”⁵

Para Spurgeon, essa paixão era inextinguível. Ele viu, de forma bastante exata, que a glória de Deus estava em jogo.

**Quanto mais
claramente
tivermos
assimilado o
evangelho, tanto
mais apaixonados
haveremos de nos
entregar à
evangelização.**

“Novamente, se tivermos de ser revestidos do poder do Senhor, *precisamos sentir um intenso anelo pela glória de Deus, e pela salvação dos filhos dos homens*. Mesmo quando somos os mais bem-sucedidos, precisamos anelar por mais êxito. Se Deus tem nos dado muitas almas, precisamos ansiar por milhares de vezes o que temos. A satisfação com os resultados será a morte lenta do progresso. Não é bom para o homem pensar que não pode melhorar. Ele não possui santidade, se acha que já é útil o suficiente.”⁶

Essa paixão ardente ine-

vitavelmente determinará como um homem prega. Por um lado, ela o levará a empenhar-se para ser claro em seu discurso. “Devemos dizer a nós mesmos: ‘Não; eu não posso usar esta palavra difícil, pois aquela pobre senhora que senta naquele lugar não me compreenderia. Não posso salientar aquela dificuldade obscura, pois aquela pobre alma poderá ser confundida por tal dificuldade e não aliviada por minha explanação’... Se você ama os seres humanos, você amará menos as palavras difíceis”.⁷

O objetivo de ver almas ganhas para Cristo através da pregação também levará o pregador a labutar para ser interessante. “Como, em nome da razão, podem almas se converter por meio de sermões que embalam as pessoas a dormir?”⁸ É por esse motivo que o humor pode ter um papel legítimo na pregação. Spurgeon ponderou que é “crime menos grave causar uma risada momentânea do que um sono profundo de meia hora”.⁹

Ele é tão enfático nisto, que é fácil compreendê-lo de maneira errônea. Spurgeon não estava argumentando que o pregador é responsável pelo sucesso evangelístico de seu ministério; é responsável pela fidelidade à tarefa de evangelizar. Deus, em sua

soberania, salvará aqueles que Ele quiser, quando e onde quiser. Spurgeon jamais duvidou disso. Todavia, ele se recusou a nos permitir esquecer que no âmbito de um ministério fiel reside uma profunda paixão pelas almas de homens e mulheres. Ele disse: “Se os pecadores serão condenados, que pelo menos pulem para o inferno passando por cima de nossos corpos. Se perecerem, que pereçam com nossos braços e mãos tocando os seus joelhos, implorando que fiquem. Se o inferno tiver de ser cheio, pelo menos que seja cheio apesar de nossos esforços, e que ninguém entre ali sem estar avisado e sem que se tenha intercedido por essa pessoa.”¹⁰

Se nossa doutrina não conduz à devoção, alguma coisa está tremendamente errada. Não terminaremos nossa tarefa até que a cabeça, o coração e as mãos concordem. Tal integração santificada de nossa personalidade não será alcançada até que vejamos o Senhor face a face. Mas temos de nos esforçar para alcançar esse objetivo, aqui e agora. Tendo recebido o evangelho, precisamos estar engajados no evangelismo. E, quanto mais claramente tivermos assimilado o evangelho, tanto mais apaixonados haveremos de nos entregar à evangelização.

¹ Erroll Hulse, “Spurgeon and His Gospel Invitations”, em *A Marvelous Ministry* (Ligonier, PA, Soli Deo Gloria Publications, 1993), p. 76.

² Spurgeon repudiou aqueles que tentaram igualar o “calvinismo” à devoção a tudo o que João Calvino ensinou ou praticou. Essas tentativas

ainda são feitas hoje por pessoas que simplesmente ignoram as questões históricas e por aqueles que as conhecem, mas parecem ter a intenção de deturpar e confundir as questões. Ele concordaria plenamente com o que o antigo estadista dos Batistas do Sul, John Broadus, escreveu no *Western Recorder* (o jornal dos batistas do Kentucky):

“As pessoas que escarnecem daquilo que se denomina calvinismo, com igual razão poderiam desfazer da altura do monte Branco. Não estamos nenhum um pouco obrigados a defender todos os atos e opiniões de Calvino, mas não vejo como alguém que realmente entenda o grego do apóstolo Paulo, ou o latim de Calvino ou Turretin, possa não enxergar que estes últimos não fizeram outra coisa senão interpretar e formular substancialmente o que aquele primeiro ensinou” (A. T. Robertson, *Life and Letters of John A. Broadus*, American Baptist Publication Society, 1901, pp. 396-97).

Ver o capítulo 13, “Uma Defesa do Calvinismo”, em *C. H. Spurgeon Autobiography, Volume 1: Early Years 1934-1959*, uma edição revisada, originalmente compilada por Susannah Spurgeon e Joseph Harrald (Edinburgh, *The Banner of Truth Trust*, reimpresão de 1981, Volume 1 inicialmente publicado em 1962).

- ³ *The Soul Winner*, (Grand Rapids, MI, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, reimpresão de 1981, primeira publicação em 1964), p. 16.
- ⁴ *Autobiography*, Vol. 1:329; citado em Hulse, “Spurgeon and His Gospel Invitations”, pp. 83-84.
- ⁵ Citação de “What We Would Be”, exemplar de junho de 1886 de *Sword and Trowel*, uma palestra na conferência de pastores da faculdade; reimpresso em *Sermons on Unusual Occasions* (Pasadena, TX, Pilgrim Publications, 1978), p. 180.
- ⁶ *An All-Round Ministry*, p. 352.
- ⁷ *Ibid*, p. 352.
- ⁸ Citação de “What We Would Be”, exemplar de junho de 1886 de *Sword and Trowel*; reimpresso em *Sermons on Unusual Occasions*, p. 180.
- ⁹ *The New Park Street Pulpit*, Vol. 1:1855, prefácio.
- ¹⁰ *Spurgeon At His Best*, compilado por Tom Carter (Grand Rapids, MI, Baker Book House, reimpresão de 1991, primeira publicação em 1988), p. 67.



Como Encontrar os Eleitos

Kenneth D. Johns

Com freqüência, ouvimos a acusação de que a doutrina da eleição sufoca o espírito de evangelismo. Reivindica-se (e isto sem dúvida já ocorreu) que essa doutrina paralisou algumas igrejas ou departamentos missionários em seu alcance evangelístico. Eles disseram: “Não é nossa tarefa salvar os pagãos; quando Deus estiver pronto para salvar os eleitos, Ele o fará por Si mesmo”. Por isso, assentaram-se e nada fizeram. E, como resultado, a doutrina ganhou má reputação. Presume-se que a letargia de tais homens é causada por sua crença na eleição. Mas será que isso é verdade? É a doutrina ou os homens que merecem a culpa? Será que homens bons às vezes não fazem uso errôneo de uma doutrina correta? Não é possível que homens indiferentes e cabeças-duras torçam a verdade em benefício de si mesmos?

Os eleitos estão em nossas comunidades. Podemos encontrá-los à medida que oramos e confiamos na orientação do Espírito e na capacidade da Providência. Um incrédulo haverá de se mudar, para morar ao lado de um verdadeiro cristão, e encontrará a vida. Uma

mudança em nossos compromissos de trabalho, em uma loja, colocará uma alma “vazia” ao lado de uma alma “plena”. Após algum tempo, ambas estarão plenas. Uma conversa casual no cabeleireiro resultará em uma alma sedenta encontrando água viva. Inconsciente do poder que o controla, um orientador pedagógico do 2º grau colocará uma jovem perdida em uma classe onde ela se assentará ao lado de uma cristã piedosa. Através

Os eleitos estão em
nossas
comunidades.
Podemos encontrá-
los à medida que
oramos e confiamos
na orientação do
Espírito e na
capacidade da
Providência.

da amiga cristã, a jovem perdida encontrará o Grande Amigo. Estas são coincidências? A fé declara: “Não”. O Pai está atraindo a Si mesmo aqueles a quem escolheu. Uma parcela de júbilo é prometida

àqueles que oram e dependem do Espírito. Portanto, os eleitos em nossa comunidade serão encontrados.

O que Jesus disse a Paulo, em Corinto, Ele o diz a nós hoje: “Tenho muito povo em sua cidade. Os eleitos estão vivendo nessas ruas corrompidas. Os apartamentos, os lares de sua cidade são habitados por aqueles que são os escolhidos de Deus. Neste exato momento, você não pode identificá-los. Não pelo endereço, estilo de vida ou moralidade deles. Tampouco por estarem buscando a verdade. Para você, eles parecem mortos. Mas incuti em seus corações que venham a Mim; e eles virão. Apenas creia e seja fiel. Reconheça a sua própria incapacidade e ore. Permita que meu Espírito o guie à rua Trôade; alguns dos eleitos moram ali. Você encontrará outro na cadeia que fica na Av. Filipos. Eles o expulsarão daquele lugar, mas, ao fazerem isso, você encontrará mais eleitos na alameda Tessalônica. Faça uma visita à casa de Jasom. Novamente

você terá de fugir para não ser morto, mas será extremamente frutífero na rodovia Nobre, em Beréia; não perca essa oportunidade.

O Condomínio Cultural de apartamentos em Atenas será um teste árduo e não muito produtivo. Mas ali eu tenho uma pessoa sofisticada, Dionísio, e uma mulher, Damaris, e um casal de outros que pretendo trazer ao aprisco. Por isso, passe por lá e anuncie a minha Palavra. Não se preocupe com o que lhe chamarão; já lhe dei um novo nome. Seja forte nos condomínios de Corinto. É um lugar maligno. Mas naquelas casas habitam muitos que viverão em minha casa eternamente. Eu lhe asseguro que o administrador, Gálio, não o perturbará. Seja forte. Não deixe de pregar a mensagem. Estarei com você em todos esses lugares. Juntos, Eu e você, encontraremos os meus eleitos. Todos que o Pai me deu virão a Mim através de você”.



Os únicos precedentes neotestamentários para a proclamação do evangelho são: vida santa, oração e testemunho ousado.

Geoffrey Thomas

Evangelização é um mendigo contando ao outro onde encontrar pão.

D. T. Niles

Fidelidade na Evangelização

Gilson Carlos de S. Santos

*“A palavra do Senhor, porém, permanece eternamente.
Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada” (1 Pe 1.25).*

Não há outra entrada para o céu, exceto a estreita passagem do novo nascimento; sem santidade, ninguém jamais verá a Deus (Hb 12.14). Deus uniu a fé e o arrependimento para serem as duas facetas de nossa resposta ao chamado do Salvador, deixando bem claro que vir a Cristo é abandonar o pecado e renegar a impiedade. “Se falharmos em manter unidas estas coisas que Deus juntou, nosso cristianismo será distorcido.”¹ A fé salvadora, o arrependimento, o compromisso e a obediência são todas operações divinas, realizadas pelo Espírito Santo no coração daquele que é salvo. Não há obras humanas no ato da salvação. A salvação vem unicamente pela graça, mediante a fé (Ef 2.8). *Sola Gratia* e *Sola Fide* são dois dos pilares da Reforma. Entretanto, a verdadeira salvação não pode nem deixará de produzir obras de justiça na vida do verdadeiro crente. A obra de Deus na salvação inclui uma mudança de intenção, vontade, desejos e atitudes que produz inevitavelmente o fruto do Espírito.

Por que existem atualmente igrejas tão fracas? Por que tantas conversões são anunciadas e tantos membros arrolados às igrejas, e estas têm causado cada vez menos impacto sobre a sociedade? Por que não se pode distinguir muitos crentes dos incrédulos? Não é porque muitos chamam de crentes pessoas que na verdade não são regeneradas? Não será que muitos estão tomando “forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2 Tm 3.5)?

Nem todo aquele que afirma ser crente o é na verdade. Jesus declarou em solenes palavras: “Nem todo o que me *diz*: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que *faz* a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). Incrédulos fazem falsas profissões de fé em Cristo, e aqueles que não são crentes verdadeiros podem iludir-se, pensando que estão salvos. O diabo tem produzido muitas imitações de conversão, enganando as pessoas, ora com isto, ora com aquilo. Ele

possui tamanha habilidade e astúcia que, se possível, enganaria os próprios eleitos.

Este fato teria sido considerado como ponto pacífico, há algumas décadas; hoje, não mais. O barateamento da graça e a fé fácil em um evangelho distorcido estão arruinando a pureza da igreja. O abrandamento da mensagem do Novo Testamento trouxe consigo um inclusivismo putrefato que, com efeito, vê qualquer tipo de resposta positiva a Jesus como um equivalente para a fé salvadora. Os crentes de hoje estão dispostos a aceitar qualquer coisa, que não seja a rejeição aberta, como a autêntica fé em Cristo. O evangelicalismo moderno desenvolveu um território largo e notável, que abriga até aqueles cuja doutrina é suspeita ou cujo comportamento denuncia corações rebeldes contra as coisas de Deus.

**O evangelicalismo moderno desenvolveu
um território largo e notável,
que abriga até aqueles cuja doutrina é
suspeita ou cujo comportamento
denuncia corações rebeldes contra
as coisas de Deus.**

O evangelho que Jesus pregou não fomentava esse tipo de credulidade. Desde o início de seu ministério público, nosso Senhor evitou adesões rápidas, fáceis ou superficiais. Sua mensagem resultou em mais rejeição do que em aceitação entre os seus ouvintes, pois recusava-se a proclamar palavras que dessem a qualquer pessoa uma falsa esperança. Suas palavras, voltadas sempre para as necessidades do indivíduo, nunca deixaram de fazer murchar a autojustiça dos que O procuravam, ou de pôr à mostra segundas intenções, ou de alertar quanto a uma fé falsa ou a um compromisso superficial.²

Nas décadas recentes, tem surgido uma geração de cristãos professos cujo comportamento raramente se distingue da rebeldia em que vive o não-regenerado. Um desdobramento do *Congresso Internacional de Evangelização Mundial* (realizado em 1974, em Lausanne, Suíça) já apontava para esta realidade:

Da parcela de aproximadamente um bilhão de pessoas que compõe a população cristã do mundo, sabe-se que muitos ainda

precisam ser evangelizados. São os “cristãos nominais”, que não se comprometeram com Jesus Cristo e não Lhe reconhecem as reivindicações sobre suas vidas...

Talvez haja centenas de milhões de cristãos nominais entre os protestantes de todo o mundo. É impossível obter dados precisos... Ao examinarmos a nossa tarefa, duas coisas se tornaram claras. Primeiro, estamos tratando de uma importante tarefa na evangelização do mundo. Segundo, estamos sendo desafiados pelo nosso próprio incipiente nominalismo e compelidos a examinar o nível de nosso próprio compromisso cristão.³

Este relatório demonstrava que nem tudo estava bem nas igrejas e denominações evangélicas. Por trás das fachadas dos brilhantes relatórios de crescimento e das estatísticas impressionantes, existia uma convicção de que a igreja carecia de poder em seu evangelismo. Ao mesmo tempo, nunca existiram tantas novas igrejas, tantas campanhas evangelísticas e tantos crentes estudando para o trabalho de evangelismo pessoal. Nunca se realizou tantas conferências e seminários em uma tentativa de exame sério das causas e curas no ministério do evangelho. Organizações denominacionais e interdenominacionais também se lançavam em campanhas procurando transcender as barreiras das denominações em esforços evangelísticos. A verdade, porém, é que estes esforços limitavam-se também por outras barreiras:

Tendo aceito a teoria de que unidade é uma máxima para o evangelismo em larga escala, tanto a igreja quanto o indivíduo são forçados a rebaixar o seu conceito do valor da verdade. Não podendo insistir em verdades bíblicas que venham a ofender outro irmão evangélico, temos de procurar o menor denominador comum a todos os crentes. Rotula-se, então, o resto da Bíblia como “não essencial” à evangelização, pois, afinal de contas, estima-se que a unidade entre os crentes é mais importante do que a exatidão doutrinária.

As sociedades interdenominacionais nunca param a fim de perguntar: “O que é na realidade o evangelho de Cristo?”; isto poderia trazer respostas incômodas, que feririam a outros; poderia condenar a maior parte de suas próprias mensagens e metodologia e trazer à baila uma gama de opiniões diferentes. Adotar a posição de uma igreja significaria perder o apoio de cinco outras, e então todo o sistema construído sobre a premissa de unidade desmoronaria.

A igreja local também se encontra impedida de especificar bem a verdade. Isto pode afetar a sua harmonia com a denominação

ou com a associação. Definir o evangelho cuidadosamente (como apresentado na Bíblia) traria conflito com a organização de mocidade; ou talvez demonstre que as lições de escola dominical presentemente em utilização devam ser descartadas; ou mesmo que aquela campanha tenha de ser abandonada. Dar atenção ao conteúdo do evangelho pode significar atrito com outros evangélicos, e a premissa é que a unidade é chave de sucesso.⁴

Uma igreja sadia necessita ter entre suas características uma compreensão bíblica do evangelismo.

Em todas as épocas e lugares, os servos de Cristo estão sob a ordem de evangelizar, ou seja, proclamar o evangelho. Nas páginas da Bíblia, a evangelização é algo que centraliza-se em Deus. A Escritura Sagrada exige que a evangelização seja da parte de Deus, “por meio dEle e para Ele” (Rm 11.36). É triste dizer, mas grande parte da evangelização contemporânea é antropocêntrica — centralizada no homem.⁵ Com excessiva freqüência, as luzes da ribalta focalizam o evangelista — sua personalidade, eloqüência, a arte com que ele dispõe os argumentos, a história de sua conversão, as dificuldades pelas quais passou, o número de pessoas que se converteram pelo trabalho dele e, em alguns casos, os milagres que alguns dizem que ele realizou. Às vezes, a atenção é posta nos que estão sendo evangelizados. Ressalta-se o grande número deles, o triste estado em que se encontram — exemplificado na pobreza, doença e imoralidade — sua suposta ansiedade pelo evangelho da salvação e, pior de tudo, fala-se do bem que existe neles e os capacita a exercitarem a fé salvadora, por sua *livre* vontade, embora não regenerada. E quantas vezes o bem-estar do homem — bem-estar terreno ou eterno — é a única finalidade da evangelização!

Uma igreja sadia necessita ter entre suas características uma compreensão bíblica do evangelismo. Para todos os membros da igreja, mais particularmente para os líderes que têm o privilégio e responsabilidade de ensinar, uma compreensão bíblica do evangelismo é crucial. Naturalmente, isso precisa estar intimamente relacionado a outras compreensões bíblicas, como, por exemplo, a do evangelho e a da conversão. É óbvio que a maneira como alguém *compartilha* o evangelho está intimamente relacionada ao modo como ele o *compreende*. Quando

o evangelho é redefinido como algo que significa pouco mais do que uma mensagem de auto-ajuda espiritual, e a conversão degenera-se de um ato de Deus para uma mera resolução humana, a compreensão e prática da evangelização terão suas conseqüências lógicas. Por outro lado, se a mente for moldada pela Bíblia no que concerne a Deus, ao evangelho, à necessidade humana e à conversão, uma correta compreensão do evangelismo fluirá naturalmente.

Quando alguém herda práticas e ensinamentos que presume serem corretos na prática da evangelização, talvez nunca pense em questionar a metodologia e a mensagem com a qual está acostumado. Entretanto, este assunto é sério e afeta cada um de nós. Essas coisas devem preocupar-nos.

Lembro-me bem de quando li *Evangelização e Soberania de Deus*, de J. I. Packer.⁶ Ele foi um instrumento usado por Deus para auxiliar-me no equilíbrio do conceito bíblico de evangelização. Eu havia assumido a Cadeira de Evangelismo em um seminário batista e deparava-me com o desafio de fornecer aos alunos um conceito adequado e, portanto, bíblico de evangelização. À época, eu pensava que os cristãos evangélicos não precisavam gastar tempo em discutir este assunto. Em vista da ênfase que os evangélicos sempre deram à primazia da evangelização, seria natural imaginar que todos fossem perfeitamente unânimes sobre o que ela significa. Eu estava errado! Logo entendi que reinava grande confusão acerca deste ponto. A raiz da confusão pode ser dita numa sentença. “Trata-se de nosso generalizado e persistente hábito de definir a evangelização não em termos de uma mensagem anunciada, mas de um efeito produzido em nossos ouvintes.”⁷ Isto significa dizer que a essência da evangelização é produzir convertidos.

Isso, entretanto, não pode ser correto. A evangelização é uma obra do homem, mas a dádiva da fé pertence a Deus. É verdade, realmente, que cada evangelista tem por alvo converter os pecadores e que nossa definição expressa perfeitamente o ideal que ele deseja ver cumprido em seu próprio ministério; porém, a questão de ele estar ou não evangelizando não pode ser resolvida simplesmente pela pergunta: “Meu ministério tem produzido conversões?” Missionários entre os muçulmanos têm labutado durante a vida inteira sem ver qualquer convertido; deveríamos concluir que não estão evangelizando? Tem havido pregadores não-evangélicos através de cujas palavras (nem sempre compreendidas no sentido pretendido) algumas pessoas foram saudavelmente convertidas; deveríamos concluir que esses pregadores estavam evangelizando? Certamente a resposta é negativa em ambos os casos. Os resultados da pregação dependem não das vontades e intenções dos homens, mas da vontade do

Deus todo-poderoso. Essa consideração não quer dizer que devamos ser indiferentes quanto a ver ou não os frutos de nosso testemunho em favor de Cristo; se não estiverem aparecendo os frutos, devemos buscar a face de Deus para descobrir o motivo. Essa consideração, todavia, significa que não devemos definir a evangelização em termos dos resultados obtidos.

Como, pois, deveria ser definida a evangelização? A resposta dada pelo Novo Testamento é muito simples. De acordo com o Novo Testamento, a evangelização consiste apenas na pregação do evangelho, as boas novas. É uma obra de comunicação na qual os crentes se tornam porta-vozes da mensagem sobre a misericórdia de Deus para os pecadores. Todos quantos anunciam fielmente essa mensagem, sob quaisquer circunstâncias, tanto em numerosa como em pequena reunião, em um púlpito ou em conversa particular, estão evangelizando. Visto que a mensagem divina tem por clímax o apelo da parte do Criador a um mundo rebelde, para que este se volte e deposite fé em Cristo, a entrega da mensagem envolve a chamada dos ouvintes à conversão. Se não estamos procurando obter conversões nesse sentido, não estamos evangelizando. Porém, a maneira de saber se alguém está evangelizando de fato não é perguntar se o testemunho está produzindo conversões. Pelo contrário, é perguntar se o pregador está proclamando fielmente a mensagem evangélica.⁸

Assim, pois, de acordo com a Bíblia, evangelismo consiste em apresentar as boas novas livremente, confiando a Deus a conversão das pessoas (At 16.14). “Ao SENHOR pertence a salvação” (Jn 2.9). Qualquer meio que utilizemos para forçar nascimentos espirituais será tão eficaz quanto Ezequiel tentando costurar os ossos secos ou Nicodemos procurando dar a si próprio um novo nascimento. E o resultado será semelhante. Se o número de membros de nossa igreja é notavelmente maior do que o número de presentes aos cultos, o que se entende por conversão? Que tipo de evangelismo tem sido praticado que resulta em tão grande número de pessoas com baixíssimo nível de envolvimento na vida da igreja e sem qualquer distinção dos incrédulos?

O pragmatismo tem afetado sensivelmente nossos conceitos, metodologias e práticas na evangelização.⁹ “*Pragmatismo* é a noção de que o significado ou valor é determinado pelas conseqüências práticas. É muito similar ao *utilitarismo*, a crença de que a utilidade estabelece o padrão para aquilo que é bom. Para um pragmatista/utilitarista, se determinada técnica ou curso de ação resulta no efeito desejado, sua utilização é válida. Se parece não produzir resultados, então não tem valor”.¹⁰ Algo é bom desde que funcione. Os pragmáticos, portanto, definem a verdade como aquilo que é útil, significativo e benéfico.

O pragmatismo como filosofia foi desenvolvido e popularizado no final do século passado. Conquistou a alma norte-americana e espalhou-se por toda a cultura ocidental. O mais alarmante, entretanto, é que um surto irresistível de pragmatismo veio a permear o evangelicalismo. E, arrastados na torrente pragmática avassaladora, as igrejas e seus líderes retiraram a *teologia* do seu lugar de honra e, em lugar desta, entronizam a *metodologia*. “Quando o pragmatismo se torna a filosofia norteadora da vida, da teologia e do ministério, acaba, inevitavelmente, colidindo com as Escrituras”.¹¹

Livros e manuais que falam sobre *Crescimento de Igreja* hoje são best-sellers. Pastores e líderes estão famintos por livros que, de forma simples e prática, narrem o testemunho de líderes e outras igrejas que têm experimentado assombrosos crescimentos numéricos. Porém, de modo geral, nestes livros (bem como nos modelos e projetos por eles apresentados), sente-se falta de uma avaliação teológica dos modelos de planejamento estratégico empregados por essas igrejas e líderes. Atualmente, estão em voga as técnicas de crescimento de igreja que acriticamente absorvem a perspectiva antropológica moderna. Um exemplo: a antropologia adotada pelas correntes de planejamento estratégico está fundamentada na perspectiva de Rousseau, da bondade intrínseca do homem, levando-nos a acreditar que tudo se resolve com o método; homens bons com um método de desenvolvimento adequado significa sucesso garantido.

Sucesso genuíno é fazer a vontade de Deus apesar das conseqüências.

É sob essa luz que podemos entender a rejeição e o menosprezo da metodologia tradicional — especialmente, da pregação — em favor de novos métodos. Estes, supostamente, são mais “eficazes”, ou seja, atraem grandes multidões. O pragmatismo encara a pregação (particularmente, a expositiva) como antiquada. Proclamar de modo claro e simples a verdade da Palavra de Deus é visto como ingênuo, ofensivo e ineficaz. Além disso, grandes mudanças revolucionaram o culto de adoração das igrejas. Os cultos agora são planejados no sentido de serem mais “divertidos”, adicionados de grande dose de entretenimento. “O entretenimento está rapidamente se tornando a liturgia da igreja pragmática”.¹² A aceitação acríica e a celebração efusiva de psicologia popular, técnicas de aconselhamento, exagerada ênfase em contextualização, receitas de auto-ajuda, princípios de propaganda e marketing, correntes de administração e controle de qualidade, teorias

de crescimento de igreja e outras tendências indicam o crescente comprometimento da igreja com o pragmatismo. Sutilmente, em vez de uma vida transformada, a aceitação por parte do mundo e a quantidade de pessoas alcançadas ou presentes aos cultos vêm se tornando o alvo maior da igreja contemporânea.

A nova filosofia é objetiva: a igreja está competindo com o mundo. O mundo é hábil em captar a atenção e os sentimentos das pessoas. A igreja, por outro lado, tende a ser muito pobre na “venda” de seu produto. Portanto, o evangelismo deve ser visto como um desafio de marketing, e a igreja deveria colocar o evangelho no mercado da mesma forma que todas as empresas modernas colocam os seus produtos. Isso requer mudanças fundamentais. O objetivo de todo marketing é “deixar o produtor e o consumidor satisfeitos”; então, tudo o que tende a deixar o “consumidor” insatisfeito precisa ser jogado fora. A pregação, especialmente a que fala sobre o pecado, a justiça e o juízo, é confrontadora demais para ser verdadeiramente satisfatória. A igreja necessita aprender a “divulgar” a verdade de forma a divertir e entreter.¹³

Em suma, de forma indisfarçada, o que a nova filosofia está dizendo é o seguinte: a igreja tem sido muito antipática. A igreja pode e deve omitir, ou ministrar em doses homeopáticas, os elementos da mensagem bíblica que não se encaixam no plano promocional. O “bom senso” de marketing exige que o escândalo da cruz seja minimizado.

**No final, o que realmente será
levado em conta não é o nosso
sucesso, e sim a nossa fidelidade.**

A filosofia contemporânea de ministério está apaixonada pelos padrões mundanos de sucesso... qualquer um que conhece as Escrituras [sabe que] critérios exteriores tais como afluência, números, dinheiro ou reações positivas jamais foram a medida bíblica de sucesso no ministério. Fidelidade, piedade e compromisso espiritual são as virtudes que Deus estima; e tais qualidades deveriam ser os tijolos com os quais se constrói uma filosofia de ministério. Isto é verdadeiro tanto para as igrejas grandes como para as pequenas. Tamanho não é sinônimo da bênção de Deus; popularidade não é barômetro de sucesso... Nas Escrituras, o sucesso exterior *jamais* é um objetivo digno de ser perseguido.

[Sucesso] não decorre de obtermos resultados a qualquer preço. O verdadeiro sucesso não é prosperidade, poder, proeminência, popularidade ou qualquer outro conceito mundano de sucesso. Sucesso genuíno é fazer a vontade de Deus apesar das conseqüências.¹⁴

Precisamos retornar à ênfase sobre a necessidade de sermos fiéis. Isso é de importância vital em nossos dias. Acima do sucesso, devemos almejar a fidelidade. Lembremo-nos de Noé. Ele é descrito no Novo Testamento como “pregoeiro da justiça”. Que tipo de sucesso ele teve? Se o avaliarmos pelos critérios das correntes pragmatistas contemporâneas, concluiremos que ele foi um evangelista antipático, repetitivo e fracassado. Quanto às conversões, exceto os de sua própria casa, ele não obteve qualquer sucesso. Porém, quando o Senhor voltar, não dirá: “Muito bem, servo bom e *bem-sucedido*”. Ele dirá: “Muito bem, servo bom e *fiel*”. Como alguém muito acertadamente já afirmou, no final, o que realmente será levado em conta não é o nosso sucesso, e sim a nossa fidelidade.

¹ J. I. Packer, na apresentação do livro *O Evangelho Segundo Jesus*, John F. MacArthur, Jr., Editora Fiel, 1991, São José dos Campos (SP), p. 5.

² John F. MacArthur, Jr., *O Evangelho Segundo Jesus*, p. 41.

³ *Chamam-se Cristãos, a evangelização dos povos tradicionalmente cristãos* — relatório da consulta sobre a evangelização mundial (Miniconsulta sobre a Evangelização de Cristãos Nominais entre Católicos e Protestantes), realizado em Pattaya, Tailândia, em junho de 1980, sob o patrocínio da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. ABU Editora e Visão Mundial, 1984, pp. 9 e 53.

⁴ Walter J. Chantry, *O Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético?*, Editora Fiel, 1986, São José dos Campos (SP), pp. 10,11.

⁵ R. B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976, São Paulo (SP), p. 221.

⁶ J. I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, Edições Vida Nova, 1990, São Paulo (SP), p. 85.

⁷ *Idem*, p. 28.

⁸ *Ibid.*, pp. 30,31.

⁹ Recomendo a leitura de *Com Vergonha do Evangelho, Quando a Igreja se torna como o Mundo*, John F. MacArthur, Jr., Editora Fiel, 1997, São José dos Campos (SP), 287 pp.

¹⁰ John F. MacArthur, Jr., *Com Vergonha do Evangelho*, p. 6,7.

¹¹ *Ibid.*, p. 7.

¹² *Ibid.*, p.13.

¹³ *Ibid.*, pp. 19,20.

¹⁴ *Ibid.*, p. 26.

Guia de Baxter para Avaliar um Livro

Ao ler um livro, devemos perguntar:

1. Eu não poderia utilizar meu tempo de maneira melhor do que estar lendo este livro?
2. Existem livros melhores, que me edificariam mais?
3. Os que apreciam um livro como este são os que amam profundamente o Livro de Deus e uma vida santa?
4. Será que este livro aumentará meu amor pela Palavra de Deus e me ajudará a combater o meu pecado, preparando-me para a vida futura?

A graça... transforma leões em cordeiros,
lobos em ovelhas, monstros em homens e
homens em anjos.

Thomas Brooks

Tudo é pela graça na vida cristã,
do início ao fim.

D. Martyn Lloyd-Jones

Uma Palavra aos Não-convertidos

Charles H. Spurgeon

Queridos amigos, observem que em Romanos 10.13 o caminho da salvação é apresentado em termos claríssimos: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Me recordo que vivi esse versículo durante vários meses. Eu anelava por salvação; não conseguia perceber que havia esperança para mim. Pensava que teria de ser lançado fora, que era pecador demais ou intensamente duro de coração, ou muito isso e aquilo, de modo que outros poderiam ser salvos, mas eu não. Porém, quando li este versículo, fiz o que lhes peço que façam, eu me agarrei avidamente a esta verdade; ela parecia uma corda sendo atirada a um homem que se afogava. Ela se tornou meu salva-vidas: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. “Ah!”, pensei eu, “clamo por esse bendito nome, clamarei por esse glorioso nome; se eu perecer, jamais cessarei de invocar este nome sagrado”. Invocar o nome de Deus e conseqüentemente clamar por Ele, é isto que salva a alma.

Mas preciso levá-lo a considerar essas palavras em mais

detalhes. Existe neste versículo, em primeiro lugar, uma palavra *abrangente, muitíssimo* abrangente: “*Todo* aquele que invocar o nome do Senhor será salvo?” “*Todo*” — já ouvi que, um homem ao fazer seu testamento, se quer deixar tudo o que possui somente para uma pessoa, digamos sua esposa, se ele apenas o externar, esta é a melhor coisa que ele pode fazer; contudo, é melhor que ele não entre em detalhes e comece a alistar o que está deixando, visto que provavelmente acabará deixando alguma coisa de fora. Ora, a fim de tornar essa vontade bem clara, Deus não entra em qualquer detalhe. Ele apenas diz “*todo*”. Isto significa o homem negro, o pele vermelha, o amarelo e o branco. Significa o homem rico, o pobre e o que ainda não é um homem — todos, de toda a espécie, de espécie nenhuma ou de todas as espécies juntas. “*Todo*” — isto inclui a mim, eu tenho certeza; mas tenho igual certeza de que inclui você, que não leu esse artigo antes. É melhor que seja assim, sem detalhes; pois, em caso contrário, alguém poderia ser deixado fora. Frequentemente penso que, se lesse

nas Escrituras: “Se Charles Haddon Spurgeon invocar o nome do Senhor, será salvo”, não me sentiria tão convicto da salvação quanto me sinto agora, pois teria concluído que talvez houvesse outra pessoa com este nome (provavelmente existe) e eu teria dito: “Certamente isso não se refere à minha pessoa”; mas, quando o Senhor diz: “Todo”, não posso estar fora desse grupo. É uma rede grandiosa que parece englobar todos os homens. “Todo” — se eu invocar o nome do Senhor, se você e, também, o homem moribundo que mora aqui perto clamarmos pelo nome do Senhor, todos seremos salvos. “Todo” — que palavra ampla!

Em seguida, que *palavra fácil* encontramos no texto! — “Todo aquele que *invocar* o nome do Senhor”. Qualquer um pode invocar o nome do Senhor. Todos compreendem o que significa “olá!” Você ainda não usou uma expressão como essa? E, se já esteve angustiado ou em perigo, você não chegou a gritar: “Socorro, socorro, socorro”? Muito bem, aquele que pode clamar assim clame também ao Senhor, invoque sua ajuda, clame por sua misericórdia, anele por sua compaixão. Se esta pessoa o faz crendo, como nós demons-

traremos a você, confiando que Deus ouvirá, ela será salva. Portanto, não há dificuldade neste versículo que exija um doutor em teologia para explicá-lo; a verdade é apresentada claramente em palavras simples: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Esta verdade é tão clara quanto o dia. Oh! Se você pudesse enxergá-la e começasse a invocar o nome do Senhor, através de uma oração fervorosa!

Mas há outra palavra neste versículo, uma *palavra segura*: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor *será* salvo”. Não existe qualquer “se” ou “talvez”, mas um glorioso “será”. O nosso “será” é insignificante, inconsistente; o “será” de Deus é tão firme quanto as montanhas eternas. “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”, tão certo quanto existe um Deus. O Senhor não cometeu nenhum erro; Ele não revogará sua declaração, porque mudou de idéia. “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Oh! Que muitos invoquem o nome dEle e encontrem salvação imediata, que perdurará por toda a vida e pela eternidade, pois “será salvo” envolve um longo tempo, inclusive os tempos eternos que estão por vir.



Quanto ao Vir a Cristo

- Parte 2 -

Ernest Reisinger

No estudo anterior, comecei a falar sobre a expressão “vir a Cristo”. O que um pregador tem em mente quando ele diz “vir a Cristo”?

Salientei quatro coisas que “vir a Cristo” não significa:

Não é um ato físico.

Não é um ato puramente mental.

Não é um ato místico não alicerçado na verdade bíblica.

Não é meramente um ato volitivo, tal como votar em alguém.

Jesus não precisa de quaisquer votos, Ele já está no trono.

O Que Significa “vir a Cristo”?

Então, o que significa “vir a Cristo”? A melhor maneira de responder a essa pergunta é afirmar o que está envolvido no “vir a Cristo”.

A primeira coisa envolvida é o *reconhecimento da necessidade espiritual*. Isso é claramente visto em alguns dos convites graciosos contidos na Bíblia:

Mateus 11.28-29: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma”.

Observe: o convite é feito àqueles que estão cansados e sobrecarregados, indicando que eles têm uma necessidade. Jesus não está oferecendo um jugo no sentido literal; está oferecendo descanso para a alma — “E achareis descanso para a vossa alma” — uma necessidade espiritual.

Isaías 55.1: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”.

Nesta passagem, Ele oferece um convite a almas sedentas — o que indica o reconhecimento de uma necessidade espiritual.

A primeira coisa envolvida
no “vir a Cristo” é o
*reconhecimento da
necessidade espiritual.*

Apocalipse 22.17: “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida”.

O último convite da Bíblia é feito àqueles que desejam água, ou seja, pessoas sedentas — pessoas que reconhecem sua necessidade espiritual.

Uma segunda coisa presente no “vir a Cristo” é a *revelação de Cristo ao coração, como sendo o Único adequado para suprir a necessidade*. Ele precisa ser revelado ao coração, pelo Espírito Santo.

Diversas vezes me perguntaram: “Qual o maior problema no cristianismo dominical?” Minha resposta é a seguinte: “Uma multidão de pessoas que se reúne na igreja tentando adorar um Cristo não revelado”. Cristo precisa ser revelado ao coração, por intermédio da Palavra e do Espírito.

Deixe-me salientar essa verdade com alguns textos bíblicos:

Mateus 16.13-17: “Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to *revelaram*, mas meu Pai, que está nos céus”. Cristo teve de ser revelado de maneira sobrenatural a Pedro.

Gálatas 1.15-16: “Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprovou *revelar* seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue”. Cristo foi revelado a Paulo.

Mateus 2.11: “Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram”. Aquele bebê, aos olhos humanos,

tinha a aparência de Deus, para ser adorado? Cristo precisou ser revelado ao coração dos sábios, pelo Espírito.

Então, uma segunda coisa presente no “vir a Cristo” é: Ele precisa ser revelado pelo Espírito Santo. Uma revelação sobrenatural: o cristianismo é uma religião sobrenatural.

Uma terceira coisa envolvida no “vir a Cristo” é um *compromisso com Ele, sem reservas, como o Único que pode satisfazer essa necessidade da alma*. Qualquer coisa menos do que isso torna uma pessoa estranha a Cristo e à verdadeira religião salvadora.

Ah! Quando alguém reconhece sua necessidade espiritual, e Cristo é revelado ao coração como o Único que pode satisfazer essa necessidade, resultando em um irrestrito compromisso com Ele, tal pessoa terá (1) algo a confessar, (2) um desejo de confessá-Lo e (3) alegria ao confessá-Lo. Essa verdade deveria explicar porque não equiparamos o “vir à frente” em um culto de domingo à noite com o “vir a Cristo”.

Perigos e Erros do Sistema de Apelo

O “Sistema de Apelo” está cheio de erros e perigos. A ênfase desta expressão se encontra na palavra “sistema”. Não falei “convite”. Se os pregadores não convidam os pecadores a virem a Cristo, deveriam abandonar o ministério. Existe uma tremenda diferença entre o convite bíblico e o “*Sistema de Apelo*”.

1. Por não esclarecerem o convite, os pregadores inadvertidamente instituíram um sistema ou uma condição para a salvação que, além de não ser encontrada na Bíblia, jamais foi praticada ou aprovada por Cristo e seus apóstolos. A confissão pública não é uma condição para a salvação; pelo contrário, é um resultado da salvação.

Existe uma tremenda diferença entre o convite bíblico e o “*Sistema de Apelo*”.

2. A chamada para “vir à frente” (ou “levantar uma das mãos”) não é um mandamento divino, e sim um mandamento criado pelo homem. Muitas vezes, aqueles que vão à frente são levados a crer que fizeram algo recomendável diante de Deus. Vir à frente não é algo que Deus ordenou. Já ouvi pessoas sendo agradecidas por virem à frente, enquanto falsamente imagina-se estarem desobedecendo a Deus aqueles que não vieram à frente. Contudo, Ele jamais ordenou tal coisa; tampouco existe

qualquer relato disso em toda a Bíblia — ou na igreja, em seus primórdios.

O *sistema* produz falsa segurança. “Agora que eu fui à frente, estou salvo.” Quantas vezes já ouvi isso! Mas esta não é a base bíblica da segurança. Esse sistema também produz, freqüentemente, uma culpa falsa naqueles que não vão à frente.

3. Existe o terceiro perigo de igualar o “vir a Cristo” com o “vir à frente” da igreja. Isso tende a enganar as pessoas. É comum ouvirmos expressões do tipo “ele foi à frente para ser salvo”, ou “se eles tivessem cantado mais uma estrofe, eu teria respondido ao apelo”, ou “eu não pude esperar até o próximo culto, na noite seguinte, para ser salvo”. Já ouvi isso inúmeras vezes. É um comentário acerca daquilo que está sendo ensinado às pessoas.

Existe o perigo de igualar o “vir a Cristo” com o “vir à frente” da igreja.

Em certa ocasião, um diácono me disse que os pecadores viriam a Cristo, se eu escolhesse outro hino na hora do apelo.

O Espírito Santo ausenta-se do culto quando a última estrofe do hino é cantada? Espero que não! Se for, desisto de pregar e do próprio cristianismo.

1 João 2.23 assevera: “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai”. Isso não é um ato físico. Você pode fazê-lo em seu lugar, não movendo sequer os olhos.

4. O quarto perigo do *sistema* de apelo é a inevitável confusão na consciência daqueles que não foram à frente, quando convidados pelo pregador. Em geral, eles ficam com a impressão de que se rebelaram contra Deus, quando a verdade é que não se rebelaram de maneira alguma.

Esta falsa idéia de igualar o “vir a frente” com o “vir a Cristo” tem produzido o maior recorde de estatísticas já computado na igreja ou nos negócios! O sistema é responsável por estatísticas enganosas. Falsifica o papel do pregador ou do evangelista. “Ele tem conseguido decisões?” “Quantas foram as decisões naquela reunião?”

5. Outro erro produzido por esse sistema é uma errônea apresentação da fé. A fé é representada como algo a ser feito, para se obter salvação. Sou zeloso pela expressão “somente pela graça”, e não

por um ato físico. Quero cantar “Maravilhosa Graça”, e não “Maravilhosa Decisão” (ir à frente)!

Em que consiste a fé? Explicá-la não é a tarefa do pregador. O alvo do pregador é deixar claro o objeto da fé, Jesus Cristo. O pregador não é chamado por Deus para explicar o ato da fé.

O Exemplo de Jesus Cristo

Consideremos o primeiro convite feito por nosso Senhor (suplico a Deus que todos os pregadores evangelistas sigam o exemplo dEle).

Mateus 11.28-30 “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”.

Preciso destacar o contexto desse convite em particular. Jesus estava dirigindo estas palavras a pessoas de Cafarnaum, onde Ele havia pregado com frequência e realizado poderosas obras - onde havia proferido os pesarosos “ais” da lei, assim como em Mateus 11.23: “Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje”. Jesus estava falando claramente de um lugar em que Ele e sua pregação haviam sido rejeitados (Mt 11.22, ss.). O que Ele fez neste lugar, sob essas circunstâncias? Observe três coisas:

1. *Ele orou* (v. 25): “Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.” Veja novamente a ênfase sobre a Palavra revelada. O relato de Lucas afirma: “Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo”.

2. *Ele fez uma tremenda reivindicação a respeito da soberania de Deus* (v. 27): “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

3. *Ele fez um convite* (vv. 28-30): “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”. Ele não estava procurando uma decisão física. Por favor, observe as palavras “aprendei de mim”.

O evangelho é freqüentemente retratado como algo a ser aprendido. Portanto, os pecadores precisam ser ensinados. Em seu

convite, Jesus Cristo (Mt 11.28-29), nosso grande Senhor-Mestre, disse: “Aprende de mim”.

Nosso Senhor deixou isso muito claro na Grande Comissão. Aprendemos a mesma coisa de seu exemplo, encontrado no evangelho e nas instruções dEle — “Ide, portanto fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19); e, novamente: “Ensinando-os...” (Mt 28.20). Ele não afirmou: “Ajudando-os a fazerem decisões”, mas: “Ensinando-os”. Jesus “percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar” (Mc 6.6). “Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor” (Mc 6.34). O que Ele fez? Apelou por decisões? Não! De forma alguma! Começou a ensiná-los. “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando” (Mt 4.23).

Pense em nosso Senhor, depois da ressurreição, no caminho de Emaús (Lc 24). O que Ele fez? Abriu as Escrituras (Lc 24.25-27) e o entendimento dos discípulos (Lc 24.16,31,45). Desde o primeiro versículo do livro de Atos, aprendemos o método de evangelização de nosso Senhor — “Todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1.1).

Ele jamais fez um apelo direto às emoções ou à vontade das pessoas, sem antes haver instruído as suas mentes.

Esta é uma lição que muitos pregadores e evangelistas precisam aprender. Antes de qualquer outra coisa, um apelo direto precisa ser feito à mente e à compreensão. Então, através *destas*, apelamos às *afeições* e à *vontade*. O evangelho é uma mensagem que contém informação; portanto, precisa ser comunicado por palavras definíveis. O evangelho contém informação e tem de ser explanado e aplicado pela Palavra, com poder. “Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1.5).

O Manual Sagrado de Evangelismo

Consideremos agora o livro de Atos, o manual sagrado de evangelismo, onde encontramos os apóstolos utilizando o mesmo método.

“Logo ao romper do dia, entraram no templo e *ensinavam*” (5.21).

Nós os encontramos no templo evangelizando. Qual foi o método deles? “*Ensinando o povo*” (5.25).

De que maneira evangelizavam em Jerusalém? “Enchestes Jerusalém de vossa *doutrina*” (5.28).

Paulo e Barnabé estiveram evangelizando em Antioquia durante um ano todo. Qual o método que utilizaram? “E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e *ensinaram* numerosa multidão” (11.26). Por favor, observe: não há uma menção sequer de pessoas se decidindo aqui ou em qualquer outra parte do livro de Atos.

Em Derbe, eles usaram o mesmo método — pregando e *ensinando* (14.21) — fazer discípulos. Fazemos discípulos, ao ensiná-los.

Em 15.35, novamente eles utilizaram o mesmo método: *ensinando* e pregando.

Paulo trabalhou em Corinto durante um ano e seis meses, evangelizando. Como? “E ali permaneceu um ano e seis meses, *ensinando* entre eles a palavra de Deus” (18.11).

Em Atos 8, temos um exemplo de evangelismo pessoal. Felipe estava evangelizando o tesoureiro etíope. Observe, por favor, o método de Felipe e a total ausência de “*decisionismo*”. Sim, houve uma decisão, mas não “*decisionismo*”. Felipe explicou as Escrituras! Esse foi o método que nosso Senhor, Pedro e Paulo utilizaram — *ensinando*, instruindo a mente. Em seguida, veio a decisão de confessar através do batismo o que havia acontecido no coração. A mente do tesoureiro etíope fora instruída, suas afeições moveram-se em direção a Cristo, e sua vontade respondeu à verdade que lhe veio à mente e ao coração.

Paulo ensinou Timóteo a utilizar o método centralizado em Deus.

O grande apóstolo disse ao jovem Timóteo: “Faze o trabalho de um evangelista” (2 Tm 4.5). De que maneira Paulo instruiu que ele o fizesse? Não saindo por aí e levando pessoas a decidirem algo que não entendem bem. Sim, existe uma decisão envolvida no processo de fazer discípulos. Mas Paulo ensinou Timóteo a utilizar o método centralizado em Deus — “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2).

Timóteo sabia como ele mesmo havia chegado à salvação: “E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15). Ele recebeu o ensino das Sagradas Escrituras.

Aprendemos nossos métodos a partir da Grande Comissão: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). A expressão fazer discípulos é mais uma referência ao produto do que ao método de produzir. Entretanto, o método de produzir discípulos é *ensinar*.

Um homem sincero, com sua Bíblia aberta, descobrirá algumas coisas referentes ao modo como os apóstolos apresentaram Jesus Cristo aos homens pecaminosos.

Apelo continuamente ao método do Senhor e dos apóstolos, conforme o encontramos nos evangelhos e no livro de Atos. Seria maravilhoso para todos os que se engajam no evangelismo, se abrissem suas Bíblias no livro de Atos e o estudassem tendo em mente algumas das questões importantes a respeito de seu conteúdo.

1. Qual foi a mensagem dos apóstolos? (Estude os sermões e as conversas que eles tiveram com os não-convertidos para obter a resposta.)
2. Que método eles utilizaram ao lidar com o não-convertido?

Um homem sincero, com sua Bíblia aberta, descobrirá algumas coisas referentes ao modo como os apóstolos apresentaram Jesus Cristo aos homens pecaminosos. Eles anunciavam a Cristo de tal maneira que, através do poder do Espírito Santo, os pecadores eram reconciliados com Deus, por intermédio de Cristo. Os apóstolos ensinavam o evangelho de modo que os pecadores recebessem a Cristo como seu Salvador — libertando-os do pecado e suas conseqüências — e servi-Lo na comunhão da igreja.

Os Convites do Evangelho são Estendidos a Todos

Os convites do evangelho, embora dirigidos a todos, são variados:

1. Homens que são inimigos de Deus são convidados: “Rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2 Co 5.20).
2. Homens de corações empedernidos são convidados — Deus haverá de lhes tirar “o coração de pedra” e lhes dar um “coração de carne” (Ez 36.26).
3. Homens que vivem deleitando-se alegremente ou correndo

loucamente para o caminho que conduz à morte são convidados — Deus os chama a converterem-se: “Convertet-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer?” (Ez 33.11)

4. Homens que estão dormindo o sono da morte são convidados. Deus os chama: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará” (Ef 5.14).

5. Homens que estão famintos são convidados. Deus lhes fala acerca do pão que veio do céu. “Vinde... e comei” (Is 55.1).

6. Homens que estão sedentos também são convidados. Deus os chama à água da vida, para que jamais tenham sede.

“Vem” é uma palavra de expectativa graciosa. Parece afirmar: “Estou esperando por você. Eu me assento no trono de misericórdia, esperando que você venha. Espero para ser gracioso. Portanto, venha a mim”.

“Vinde a mim” — onde Ele está? Não em algum lugar geográfico. Onde Ele está? Mais próximo de você do que o púlpito à frente de uma igreja. Mais próximo do que a ponta de seus dedos. Ele está à porta de seu coração — seu ser mais interior. Ele está onde quer que haja uma lágrima de arrependimento, um soluço de tristeza produzido por Deus. Ali Ele se encontra.

Onde quer que exista uma oração sincera — ali Ele está. Onde houver um desejo sincero de orar — ali estará Jesus. Ele está onde você está — pronto, capaz e disposto a dizer: “Perdoados são os teus pecados”.

A Necessidade de Vir a Cristo Agora

Venham, como a pobre mulher siro-fenícia — em humildade. Tudo que ela desejava eram as migalhas que caíam da mesa — um quadro de humildade. Ele está ali.

Venham clamando como o pobre cego Bartimeu - “Jesus, filho de Davi tem compaixão de mim!” A multidão lhe disse: “Tem bom

ânimo; levanta-te, ele te chama”. Bartimeu lançou fora a sua capa, para que nada pudesse impedi-lo — tudo que ele queria era receber a visão. E ele ouviu Jesus dizer: “Vai, tua fé te salvou”.

Desejo convidar todos que ouvem essas palavras a virem. Sim, se você está fora do caminho — convido-o a vir. Venha a Cristo.

Gosto muito da palavra “vinde”. Para mim, ela parece cheia de graça, misericórdia e encorajamento. “Vinde, pois, agora”, diz o Senhor através do profeta, “e arrazoemos... ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18).

“Vem” é uma palavra de encorajamento bondoso. Ela parece dizer: “Tenho tesouros para dar-lhe, se você simplesmente quiser recebê-los. Então, venha a mim”.

“Vem” é a última palavra da Bíblia dirigida aos pecadores — “O Espírito e a noiva dizem: Vem!” Vem é a palavra de convite misericordioso. Ela parece dizer: “Eu quero que você escape da ira vindoura. Estou disposto a ajudar, para que ninguém pereça. Não tenho prazer na morte do ímpio. Então, venha a Mim”.

“Vem” é uma palavra de expectativa graciosa. Parece afirmar: “Estou esperando por você. Eu me assento no trono de misericórdia, esperando que você venha. Espero para ser gracioso. Portanto, venha a mim”.

“Vem” é uma palavra de encorajamento bondoso. Ela parece dizer: “Tenho tesouros para dar-lhe, se você simplesmente quiser recebê-los. Então, venha a mim”.

Meu querido amigo, peço-lhe que ouça essas palavras e guarde-as em seu coração. Imploro em nome do Mestre. Estou escrevendo como um embaixador. Rogo-lhe que venha e seja reconciliado com Deus.

Peço-lhe que venha com todos os seus pecados, não importa quantos sejam. Se vier a Jesus, Ele os removerá. Se esperar, a oportunidade passará, a porta de misericórdia será fechada, e você morrerá em seus pecados. Venha agora. Venha a Jesus Cristo agora.

Você pode frequentar à igreja, participar da ceia do Senhor, dirigir-se ao pastor e, assim mesmo, não estar salvo. Vir ao Salvador é

realmente necessário — vir à Fonte e lavar-se no sangue da expiação. A menos que você faça isto, morrerá em seus pecados. E, como Joseph Hart o afirmou corretamente em seu hino:

Vem, pecador pobre e infeliz,
Fraco e machucado, doente e entristecido;
Para te salvar, Jesus espera, amoroso,
Cheio de misericórdia, bondade e perdão;
Para te salvar, Ele é todo-poderoso.

Vem, necessitado, e sê bem recebido.
Com verdadeira fé e arrependimento,
glorifica o dom gratuito de Deus;
Sem dinheiro, vem a Jesus e compra
as graças dEle para aproximar-Se dos seus.

Vem, cansado e sobrecarregado,
pela Queda ferido e arruinado.
Se demoras, até que melhor te tornes,
a Jesus nunca virás.
Não aos justos, não aos justos,
E sim aos pecadores veio Jesus chamar.

Não te faça retardar a consciência,
nem os teus sonhos sem fundamentos.
Ele exige que percebas: dEle tu precisas tanto.
E para isto Ele provê o meio:
O brilho esclarecedor do Espírito Santo.

Oh! O Deus encarnado, que subiu aos céus,
pleiteia os méritos de seu sangue.
Entrega-te totalmente a Ele e a nenhum outro Senhor
Pois somente Jesus e tão-somente Ele
pode tornar bom o mau e pobre pecador.

✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂

A verdade vem de Deus, onde quer que a
encontremos, e é nossa, é da igreja...

Richard Sibbes

Seis Regras para Jovens Cristãos

Brownlow North

1. Jamais despreze a oração diária. E, quando orar, lembre que Deus está presente ali, ouvindo suas orações (Hebreus 11.6).
2. Jamais menospreze a leitura diária das Escrituras. E, quando ler, lembre que Deus está falando a você; portanto, precisa crer e agir de acordo com o que Ele diz. Acredito que toda apostasia começa em se negligenciar estas duas regras (João 5.39).
3. Jamais passe um dia sem fazer algo para Jesus. Todas as noites, medite sobre aquilo que Ele fez por você e pergunte a si mesmo: “O que estou fazendo por Ele?” (Mateus 5.13-16).
4. Se você está em dúvida acerca de algo ser correto ou errado, dirija-se ao seu quarto, dobre seus joelhos e peça a bênção de Deus sobre aquilo (Colossenses 3.17). Se você não puder fazê-lo, aquilo é algo errado (Romanos 16.23).
5. Jamais copie seu cristianismo de outros cristãos ou argumente que tal pessoa faz isto ou aquilo e, por conseguinte, você também pode fazê-lo (2 Coríntios 10.12). Pergunte a si mesmo: “Como o Senhor Jesus agiria em meu lugar?” e esforce-se para segui-Lo (João 10.27).
6. Jamais creia naquilo que você sente, se contradiz a Palavra de Deus. Pergunte a si mesmo: “O que eu sinto é verdadeiro, sendo confirmado pela Palavra de Deus?” Se *ambos* não podem ser verdadeiros, creia em Deus e acredite que seu coração está mentindo (Romanos 3.4; 1 João 5.10-11).